

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DO NORDESTE – FAETEN  
CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: LICENCIATURA PLENA**

**A INFLUÊNCIA DO PADRE CÍCERO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE  
JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ**

**ANTÔNIO FERNANDO SARAIVA MOURA**

**Maranguape – CE  
2004**

**ANTÔNIO FERNANDO SARAIVA MOURA**

**A INFLUÊNCIA DO PADRE CÍCERO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE  
JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Ciências da Religião outorgado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA em convênio com a Faculdade de Educação Teológica do Nordeste –FAETEN.

Prof. Orientador: David Félix Ribeiro

Maranguape – CE  
2004

Monografia apresentada à Coordenação do Curso para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Ciências da Religião outorgado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA em convênio com a Faculdade de Educação Teológica do Nordeste –FAETEN.

---

Antônio Fernando Saraiva Moura

Monografia aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientador: David Félix Ribeiro

---

1º Examinador (a)

---

2º Examinador (a)

---

3º Examinador (a)

---

Prof. Coordenador do Curso

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha esposa Elida Maria e meus filhos André Luis, Augusto Franco e Fernando Filho, os quais, durante todo o período que durou a elaboração deste trabalho, me dispensaram todo o apoio necessário, o incentivo tão indispensável para que eu pudesse levar a cabo esta espinhosa tarefa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Criador de todas as coisas, o Deus sobre o qual estudei durante todo este curso, por me permitir a conclusão de todas as fases necessárias à licenciatura em Ciências da Religião, muito importante para a minha vivência pessoal, familiar, social e profissional.

Agradeço aos meus professores, que, com seus talentos específicos, me transmitiram o entusiasmo necessário para ir até a conclusão do curso.

Agradeço de maneira especial ao professor Francisco Antonio da Silva, meu orientador durante a execução do mesmo, o qual com seu esforço, sua dedicação e competência, não mediu sacrifícios para me ajudar nessa tarefa, que foi bastante complexa. Este esteve sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis, e me auxiliou de tal maneira que eu pude levar o trabalho adiante sem desistir.

Aos meus colegas da turma "C", companheiros de estudo, com os quais construí um bom relacionamento, agradeço-lhes por terem compreendido a importância que tinha para mim a conclusão de tão importante curso. Foram momentos difíceis que exigiram de mim luta e determinação, vencendo os obstáculos para chegar ao objetivo tão sonhado, que foi concluir a faculdade.

Não dá para falar do Padre Cícero sem lembrar-se de Juazeiro. Entre os dois, existiu misteriosa ligação originada de um sonho (GUIMARÃES e DUMOULIN, 1983).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o grau de importância do Padre Cícero Romão Batista para o desenvolvimento religioso, político, econômico e social da cidade de Juazeiro do Norte, localizada no Cariri, no Sul do Ceará. Tomando por ponto de partida a chegada do referido sacerdote à então vila de Juazeiro, passando pelo sonho que ele teve com Jesus Cristo e os doze apóstolos, no qual o mestre dizia-lhe que cuidasse do povo do Cariri, depois o “milagre” da transformação da hóstia em sangue por ocasião da comunhão dada pelo Padre Cícero à beata Maria de Araújo, segue-se uma poderosa reação da Igreja, que não aprovou o que se sucedeu, isto é, a veneração ao sacerdote. Todo este conjunto de fatos, somados ao processo de romanização da Igreja no Brasil e especialmente no Ceará, gerou uma peregrinação de romeiros àquela localidade, que, distante de todos os grandes centros urbanos, experimentou um desenvolvimento geral que foi tomando corpo e ficando cada vez mais denso. Apesar de algumas tentativas tanto do poder eclesial quanto dos governantes civis, as transformações de Juazeiro rumo ao progresso tornaram-se irreversíveis. A figura do Padre Cícero está ligada a Juazeiro do Norte e vice-versa. No Brasil inteiro, os dois são inseparáveis.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 FORMAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO DE JUAZEIRO.....	12
1.1 A Chegada do Padre Cícero a Juazeiro.....	13
1.2 O Sonho.....	15
1.3 O Milagre.....	16
1.4 A Reação da Igreja.....	19
1.5 O Protesto dos Padres do Cariri.....	25
1.6 Os Motivos da Peregrinação a Juazeiro do Norte.....	27
1.7 Obras Religiosas do Padre Cícero.....	29
2 PADRE CÍCERO E A POLÍTICA.....	31
2.1 Juazeiro Luta pela Independência Política e Administrativa .....	33
2.2 O Pacto de Juazeiro.....	35
2.3 O Ciúme dos Chefes Políticos.....	38
3 JUAZEIRO DO NORTE – DESENVOLVIMENTO GERAL.....	40
3.1 Economia: Mão-de-obra, Oficinas, Agropecuária, Indústria.....	40
3.1.1 Mão-de-obra.....	42
3.1.2 Oficinas.....	43
3.1.3 Agropecuária.....	44
3.1.4 Indústria.....	45
3.2 Educação e Cultura.....	46
3.3 Religião.....	47
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APENDICE I - DADOS DO CENSO 2000 DO IBGE.....	55
APÊNDICE II - DADOS BIOGRÁFICOS DO PADRE CÍCERO EM ORDEM CRONOLÓGICA.....	58



## INTRODUÇÃO

A história de Juazeiro do Norte, desde os tempos de vila até os dias de hoje gira em torno da questão religiosa iniciada com uma comunhão dada pelo Padre Cícero à beata Maria de Araújo, em março 1889. Teria sido uma comunhão como outra qualquer, não fosse pelo fato de que a hóstia converteu-se em sangue e derramou-se por diversas partes, conforme palavras textuais do padre Cícero, ao ser convocado para explicar o fenômeno às autoridades eclesiásticas:

Quando dei à beata Maria de Araújo a sagrada forma, logo que a depusitei em sua boca imediatamente transformou-se em porção de sangue, que uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão, e outra correu pela toalha, caindo algum no chão; eu não esperava e vexado para continuar com as confissões interrompidas, que eram ainda muitas, não prestei atenção e por isto não apreendi o fato na ocasião em que se deu; porém, depois que depusitei a âmbula no sacrário, e vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem, e levantava a mão esquerda aonde nas costas havia caído um pouco e corria um fio pelo braço, e ela com o temor de tocar com a outra mão naquele sangue, como certa de era a mesma hóstia, conservava um certo equilíbrio para não gotejar no chão (MARQUES, 1997).

O fato citado acima transformou-se numa grande questão a ser investigada pela Diocese de Fortaleza (havia apenas uma diocese para todo o Ceará). Outras questões somaram-se a esta, não exatamente para “somar”, mas com intenção de subtrair ao povo o direito de acreditar em sua própria religiosidade, independente da Igreja-mãe, centralizada em Roma.

O processo de romanização do Brasil, e mais especificamente do Ceará, atiçou a questão, dando-lhe mais combustível para sustentar-se, numa espécie de demonstração de que é mais viável o *vox populi, vox dei* (a voz do povo é a voz de Deus) do que o *Roma locuta est causa finita est* (Roma fala e a causa está encerrada).

A sociologia das religiões, ciência que compreende a religião como um fato social, é partidária de que o campo religioso é um produto dos conflitos sociais. Estes conflitos, especialmente os que aconteceram na América Latina como efeito das transformações e das situações de dominação realizadas neste continente, de maneira bem decisiva, exercem influência sobre as religiões atuantes em cada sociedade, limitam e orientam a ação local dessas religiões. E condicionam tais conflitos a importância, a difusão, as mutações, produção de rito e do discurso da religião, seja ela qual for (MADURO, 1983).

A História de Juazeiro demonstra, de maneira bastante ilustrativa, a afirmação acima. Juazeiro do Norte era, no final do século XIX, apenas um povoado pertencente ao município do Crato, no Vale do Cariri, região sul do Ceará.

Na época em que era vigário do Crato (freguesia de Nossa Senhora da Penha) o Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, foi construída a Capelinha de Nossa Senhora das Dores. Seu primeiro capelão foi o Padre Pedro Ribeiro, sacerdote zeloso, que cuidava dos poucos habitantes do povoado, catequizando-os, e ensinando-os a rezar e trabalhar. Nesse clima de tranqüilidade, viveram os primeiros habitantes de Juazeiro, num período que vai de 1827 a 1856, ano este em que faleceu o Padre Pedro Ribeiro (OLIVEIRA, 1969).

Estava iniciada a formação do campo religioso daquela vila. Outros padres que sucederam a Pedro Ribeiro não eram tão respeitados quanto ele. A desobediência do povo transformou-se em degenerescência. O vício da embriaguez foi tomando conta do lugar. As moradias tornaram-se bodegas de cachaça (OLIVEIRA, 1969).

A falta de liderança é um fator importante na deseducação de um povo. A situação de Juazeiro narrada logo acima é uma demonstração disto. Havia a

necessidade de um capelão que soubesse conduzir aquele amontoado de pessoas pobres e sem esperança a uma situação mais digna dentro da sociedade, com poderes para mudar sua história.

O povoado foi crescendo em torno da capela. Aos poucos surgiram os aglomerados. Outros capelães passaram por ali. O quinto foi o Padre Pedro Ferreira de Melo, que teve muita amizade com o Padre Cícero. Segundo pessoas da família deste, teria sido o Padre Pedro Ferreira quem orientou Cícero a entrar no seminário, para seguir a carreira de sacerdote (OLIVEIRA, 1969). Houve, portanto, cinco capelães na capela de Nossa Senhora das Dores de 1827 a 1871. No Natal de 1871 estava vago o referido cargo na capelinha.

Em 30 de novembro de 1870, Cícero Romão Batista havia sido ordenado sacerdote. Do seminário de Fortaleza, voltou para sua residência, na cidade do Crato (OLIVEIRA, 1969). Sua missão estava selada: ser capelão de Juazeiro. Aquele lugar nunca mas seria o mesmo de antes. Com seu esforço, seu trabalho e sua forte influência política, aos poucos foi fazendo do lugarejo um lugar movimentado, que atraía milhares de peregrinos de todo o Nordeste, os quais queriam a bênção e os conselhos do Padre Cícero.

O pesquisador Cava (1970) atribui a Juazeiro o título de “a cidade mais importante do interior cearense”. A cidade de Juazeiro do Norte, com apenas 219km<sup>1</sup>, na Zona do Cariri, fica a 580km de Fortaleza, 399km de Petrolina, no Pernambuco, 505km de Campina Grande, na Paraíba (ROSA, 1990). Isto significa que Juazeiro está distante de todos os grandes centros do Nordeste brasileiro, e seu crescimento não teve influência de tais cidades. Cresceu por sua própria vocação – o turismo religioso – ou melhor, pela vocação de seu fundador, o

---

<sup>1</sup> Segundo o Censo 2000 do I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a área atual de Juazeiro do Norte é de 234,5km<sup>2</sup>, conforme dados do apêndice.

“Patriarca” do sertão cariense e de todo o povo nordestino: o Padre Cícero Romão Batista.

Tendo em vista a importância de saber-se até que ponto a cidade de Juazeiro é fruto do trabalho do jovem sacerdote, este estudo tem como objetivo geral verificar qual a influência do Padre Cícero sobre o desenvolvimento de Juazeiro do Norte.

O presente trabalho busca analisar até que ponto o Padre Cícero Romão Batista exerceu influência na transformação de uma insignificante vila do Vale do Cariri numa das cidades mais progressistas do Nordeste brasileiro. Utiliza-se o método descritivo, que segundo Santos (2000,26), “é um levantamento de características conhecidas, componentes do fato/fenômeno/problema”. Ainda segundo o mesmo autor, “é normalmente feita na forma de levantamentos ou observações sistemáticas do fato/fenômeno/problema escolhido”.

Quanto aos meios, utiliza-se o método bibliográfico, que, como diz Santos (2000,31), “constitui-se numa preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados”. Utilizou-se também de alguns documentos da época como cartas pessoais e pastorais, artigos de jornais, documentos cartoriais e relatos dos contemporâneos do Pe. Cícero.

O primeiro capítulo da trata da questão religiosa propriamente dita, com as implicações entre o Padre Cícero e a hierarquia romana. No segundo capítulo aborda-se o aspecto político, inclusive partidário, com o ingresso do Padre Cícero nos meandros da vida pública como prefeito, 3º vice-presidente do Ceará e deputado federal. Por fim, o 3º capítulo, que aborda com riqueza de detalhes o desenvolvimento de Juazeiro sob todos os aspectos: religioso, político, cultural, sócio-cultural, urbanístico.

## CAPÍTULO I

### A FORMAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO DE JUAZEIRO

Antes de dar início à análise da formação do campo religioso de Juazeiro, explicitaremos o conceito de “campo religioso”, e sua relação com os conflitos sociais. Segundo François Houtart o campo religioso é “aquela porção do espaço social constituída pelo conjunto de instituições e atores religiosos em inter-relação” (HOUTART, 1973 Apud MADURO, 1983). Nesse sentido, o campo religioso é aquele espaço da dimensão social onde se produzem , reproduzem e se articulam as representações religiosas da natureza, das relações sociais de produção e do sentido do universo.

Para Maduro:

A relação complexa do campo religioso com os conflitos sociais não se reduz à influência destes sobre aquele. O campo religioso *não* se reduz a um mero produto dos conflitos sociais. De modo algum. Além de ser (parcialmente) produto dos conflitos sociais, o campo religioso é algo mais e outra coisa. Não só, mesmo como produto dos conflitos sociais, o campo religioso não é mero produto inerte e passivo desses conflitos (MADURO, 1983).

A História de Juazeiro tem seu início com o lançamento da pedra fundamental para a construção de uma capela em honra de Nossa Senhora das Dores, no local denominado Fazenda Tabuleiro Grande, no município do Crato. Essa fazenda pertencia ao brigadeiro Leandro Bezerra. Estava lançado o marco inicial do que hoje é o maior centro de peregrinação do Nordeste brasileiro (MARQUES, 1998).

O objetivo deste capítulo é analisar e compreender a formação do campo religioso de Juazeiro do Norte, destacando o papel desempenhado pelo Padre Cícero Romão Batista e os conflitos e dilemas vivenciados por ele, principalmente

em sua relação com a Igreja Católica Romana, a qual, através do então bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, moveu ferrenha perseguição àquele que ficaria conhecido na História como o santo de Juazeiro, o qual, na tentativa de manter seus direitos de sacerdote, foi fiel à Igreja em tudo, menos quando sua consciência estava em jogo, como por exemplo, a convicção de que os fatos de Juazeiro foram sobrenaturais. Disso ele não abriu mão. Portanto, para o entendimento do campo religioso de Juazeiro é necessário observar os conflitos sociais que envolveram a relação entre a prática religiosa de Pe. Cícero e a Igreja Católica Romana.

### **1.1 A Chegada do Padre Cícero a Juazeiro**

No dia 24 de dezembro de 1871, Padre Cícero celebrou missa pela primeira vez no povoado de Juazeiro, a convite do Professor Simeão Correia de Macedo e do fazendeiro Domingos Gonçalves Martins (MARQUES, 1997).

Como os fazendeiros e o professor Simeão eram seus amigos, solicitaram a ele que ficasse celebrando em Juazeiro por ocasião dos Domingos e dias santos. O padre acatou o convite e gostou de estar com aquele povo, que, “mesmo sendo ignorante”, demonstrou sua “docilidade”, escutando com respeito os conselhos que lhes dava (OLIVEIRA, 1969). Quando vinha, o padre se hospedava numa casa que pertencera a Nossa Senhora, casa esta que fora doada pelo coronel Gonçalo, um dos filhos do Brigadeiro Leandro Bezerra (Idem, *ibidem*).

Assim descreve a autora o início da história do Padre Cícero como capelão de Juazeiro:

O Padre aceitou o convite pedindo apenas que lhe arranjassem uma casa onde ele pudesse residir com seus familiares – a Mãe, duas irmãs solteiras e uma escrava. Conforme vimos anteriormente, a casa onde ele ficara hospedado não oferecia nenhum conforto.

Assim é que ele dormia na casa onde funcionava a escola (OLIVEIRA, 1969).

Um outro autor narra a chegada do Padre Cícero a Juazeiro da forma abaixo:

Em 11 de abril de 1872, chegava a Joaseiro<sup>2</sup>, lugarejo de população reduzida, um sacerdote recém-ordenado, Padre Cícero Romão Batista. Nesse dia, rezou a missa na rústica Capela de Nossa Senhora das Dores, um modesto santuário rural, único marco que se destacava nesse longínquo distrito dos confins nordestinos do próspero município do Crato. No decorrer daquele mesmo dia, o jovem padre, de pequena estatura, cabelos escuros e pele clara, continuou a dar a confissão aos moradores da localidade e a ministrar-lhes os sacramentos. Nada no seu comportamento, nem no exercício de seus deveres sacerdotais indicava que, na Capela de Nossa Senhora das Dores, menos de dois decênios mais tarde, viria ele a ser protagonista de um milagre (CAVA, 1970).

A julgar pela simplicidade da casa que fora oferecida ao padre como lugar de morada, e pelo modo completamente normal como ele se comportava, era impossível imaginar o impacto que ele causaria no lugarejo, no Vale do Cariri, no Nordeste e na própria história do país. Nada naquele ambiente e naquele sacerdote mostrava qualquer indício de que cerca de 20 anos mais tarde, viria a ter lugar na história os fatos que serão apresentados mais abaixo. Juazeiro não seria mais o mesmo. O Vale do Cariri seria pouco a pouco transformado em todos os aspectos: econômico, social, religioso, demográfico, urbanístico.

O município do Crato, a quem a vila de Juazeiro era vinculada, perderia, bem antes do que podia pensar, uma fonte de impostos e de outros recursos que por certo lhe fariam muita falta.

As lutas que se travariam naquele território passariam para os anais da História do Ceará, como a invasão de Juazeiro pelas tropas do governo estadual em 1914, e a sedição de Juazeiro, que derrubou o governo Franco Rabelo.

---

<sup>2</sup> A forma “Joaseiro” já passou por várias reformas até chegar ao termo Juazeiro, como é escrito até os dias de hoje.

## 1.2 O Sonho

O trabalho de Oliveira continua com a descrição de um sonho que Padre Cícero teve, na casa onde estava hospedado:

Ali teve ele um sonho que lhe valeu como um programa para a vida toda. Não dou grande importância a sonhos, entretanto, há muitos santos como São João Bosco, Santa Terezinha o Santo Cura D’Ars e outros mais, que fazem citação de sonhos em sua biografia, se não dando valor real, mas tomando como um aviso, ou uma premeditação, muitos aceitando como mandados por Deus. Vejamos o sonho do Pe. Cícero, coisa conhecida por muitos juazeirenses<sup>3</sup> a quem ele mesmo contou, pormenorizando: Conforme dizíamos, dormia na casa da Escola no quarto contíguo à sala, como ainda hoje se vê. Sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa da Escola, quando viu entrarem na sala os doze Apóstolos tendo à frente o Coração de Jesus. Os Apóstolos colocaram-se de pé, aos lados da mesa enquanto o Coração de Jesus colocou-se atrás<sup>4</sup> da cadeira onde ele, Padre Cícero, estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do Coração de Jesus dizendo com voz forte e temível as seguintes palavras: “Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me teem<sup>5</sup> feito e me fazem todos os dias. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei o mundo. E quanto a ti (disse, dirigindo-se ao Padre) toma conta destes. E ao mesmo tempo, disse o Padre, “vi que começaram a entrar na dita sala, diversos indivíduos particularmente sertanejos, mal vestidos e quase todos descalços”. Acordou sob esta impressão tão viva, que mais lhe pareceu uma realidade (OLIVEIRA, 1969).

Não caberia nos limites deste trabalho empreender uma análise psicológica ou teológica do sonho ou visão que teve o Padre Cícero. Não é este o aspecto abordado no tema escolhido. O que interessa é o fato de que o sacerdote ali ficou por acreditar naquele sonho. Aquela mensagem, que nele ficou gravada como um aviso do plano superior, teve o condão de segurá-lo naquele lugar. Conseqüentemente, tudo começou com um sonho, no sentido mais literal da palavra, pois Juazeiro era apenas um lugarejo, situado na extremidade nordeste do

<sup>3</sup> O termo “juazeirenses” perdeu o acento grave no “a”, com a reforma ortográfica de 1971 (Lei N.º 5765, de 18 de dezembro de 1971 apud Costa, Marmo, Garcia e outros, vol. I)

<sup>4</sup> No moderno português escrito, a palavra atrás (com “z”) deu lugar a trás (com acento agudo seguido de “s”).

<sup>5</sup> A terceira pessoa do singular do verbo ter, no português atual é têm (com um único “e” encimado por um acento circunflexo).



município do Crato (CAVA, 1970), e hoje ocupa um lugar de destaque nos campos religioso, econômico, demográfico e cultural.

### 1.3 O “Milagre”

Para introduzirmos a questão do chamado milagre, um fenômeno religioso produzido e reproduzido em Juazeiro, é interessante refletirmos um pouco sobre “verdade religiosa”, dentro do assunto maior denominado religiosidade popular.

Segundo Wiebe:

“Para muitos autores, o falar da verdade ou falsidade de proposições não é de nenhum modo adequado quando se discute a “verdade religiosa”. Por conseguinte é imperativo examinar, pelos menos sucintamente, propostas e sugestões alternativas no tocante à natureza e ao *locus* da verdade religiosa... Embora concorde em parte com muitas das propostas alternativas que insistem que a “verdade religiosa” é mais do que a “verdade proposicional”, não posso, como deve ter ficado evidente a essa altura, aceitar como adequada qualquer proposta que elimine totalmente esse elemento proposicional (WIEBE, 1998).

Fica patente aqui a questão do como se deve tratar uma situação envolvendo um fenômeno religioso. Os fatos que tiveram lugar em Juazeiro, descritos logo abaixo, foram de capital importância para a História de Juazeiro, do Cariri, enfim, de todo o Nordeste brasileiro.

A religiosidade popular é muito pouco crítica nas questões que envolvem fenômenos religiosos. Parece que o povo tem intuição para separar o joio do trigo. Não há métodos entre a população leiga para analisar fatos ditos extraordinários. Tudo é feito conforme os ditames do empirismo, da intuição coletiva. A crítica acontece, aparentemente, como algo originado no inconsciente coletivo, para tomar emprestada uma expressão de Carl Gustav Jung, discípulo de Freud.

Ainda dentro da temática da religiosidade popular, diz Tiluca sobre a verdade da fé:

Entre a natureza da fé e a natureza da razão não existe conflito. Isso inclui a afirmativa de que não há um conflito entre fé e conhecimento no que diz respeito à sua essência. Mesmo assim sempre já se considerou o conhecimento aquela função da razão humana que com maior facilidade entra em conflito com a fé. Isso acontecia especialmente quando se via a fé como uma espécie inferior de saber, cuja verdade é, porém, assegurada pela autoridade divina... (TILUCA, 2002).

O autor citado logo acima parece querer mostrar que não é obrigatório que o conhecimento científico faça oposição sistemática às coisas da fé. Os dois podem conviver em harmonia.

O fenômeno que será narrado a seguir foi visto como milagre na época e o é até os dias de hoje, pelos romeiros que visitam Juazeiro do Norte várias vezes por ano. É certo que não se pode descartar o milagre, nem tampouco aceitá-lo cegamente. Mas houve padres contemporâneos de Cícero Romão que acreditaram no milagre. A história e a Igreja, com o tempo darão seu veredicto.

Há vasta literatura contendo a narrativa do milagre de Juazeiro. Segundo Marques (1997), o fenômeno que gerou a questão do Juazeiro (a transformação da hóstia em sangue, na boca de Maria de Araújo), aconteceu em público pela primeira vez em 1º de março de 1889<sup>6</sup>. O Padre Cícero, que foi quem deu a referida hóstia, ao ser convocado para dar explicações acerca do fenômeno, declarou que, ao depositar a hóstia na boca da beata, esta logo se transformou em sangue, o qual ela engoliu parcialmente (comunhão) e a outra parte escorreu pela toalha, caindo parte também no chão (MARQUES, 1997).

---

<sup>6</sup> Há autores, como será visto mais abaixo, que citam outro dia de março de 1889 para a primeira ocorrência do fato extraordinário de Juazeiro do Norte.

Pela relevância do fato, não como milagre, mas como motivo para a intensificação das manifestações religiosas populares, especialmente peregrinações ao povoado de Juazeiro, convém apresentá-lo sob a ótica de um outro autor:

1889 – 6 de Março – “Ocorreu em Juazeiro, Sexta-Feira da Quaresma, pela primeira vez, em público, na Igreja, o fato extraordinário de se transformar em sangue, na boca de Maria de Araújo, a hóstia que ela recebera, em comunhão das mãos do Padre Cícero Romão Batista. Assim se iniciou a questão religiosa do Juazeiro cujas conseqüências vieram até nossos dias (PINHEIRO, Apud OLIVEIRA, 1969).

Entre as conseqüências deste fato está a admiração do povo que o presenciou, e o fato de Juazeiro tornar-se conhecida em todo o Nordeste brasileiro. A partir deste acontecimento, que se repetiu muitas vezes, e com o surgimento da questão religiosa de Juazeiro, Padre Cícero amargurou pelo resto de sua vida o afastamento de suas funções religiosas (OLIVEIRA, 1969). Segundo Feitosa (1995) o Padre Cícero foi o que mais sofreu sanções da Igreja em toda a História.

Uma boa ilustração do quanto o fenômeno da hóstia em Juazeiro trouxe benefícios para aquela cidade é vista nesse texto:

(...) na então Capela de Nossa Senhora das Dores, freguesia de Nossa Senhora da Penha do Crato, o Revmo. Pe. Francisco Rodrigues Monteiro então Reitor do Seminário daquela Cidade, tornou públicos, perante uma grande multidão, os fatos extraordinários aqui ocorridos e que passaram à história com o título de “Milagres de Juazeiro”. Prefiguremos o quadro: uma povoação relativamente pequena, cujos habitantes tinham conhecimento do que vinha acontecendo de extraordinário na vida religiosa, mas que aguardavam com ansiedade uma declaração definitiva pois até então sabiam os curiosos, mas faltava a palavra oficial. Chega o momento desejado e acorrem para o povoado, na ânsia incontida de ver, de testemunhar tudo, para ter liberdade de comentar o fato, sem a proibição do Pe. Cícero que aconselhara prudência no caso. Rememoremos o grande acontecimento que, como uma faísca elétrica percorreu em pouco tempo quase todo o Nordeste Brasileiro, respondendo pelo crescimento desta cidade que hoje é uma das mais florescentes entre as grandes cidades brasileiras (OLIVEIRA, 1969).

O fenômeno estava consumado. O milagre, reconhecido pelo povo, mas não pela Igreja, levou o bispo de Fortaleza a desfechar um ataque pesado contra a pessoa do Padre Cícero, o que será visto no próximo sub-tema, em uma lista de proibições, obrigações e acusações, que, vista de fora por outras religiões, dificilmente lembraria a religião ensinada por Jesus Cristo, quando disse: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros”, ensinamento prontamente apreendido por João, o discípulo amado: “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (JOÃO apud ALMEIDA, 1969).

Que religião é esta, cujo superior hierárquico (Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará) comete atos tão extremos contra seu subordinado, que é um pastor de ovelhas também, e um dos representantes de Cristo na terra? Certamente, tal religião carece de reforma profunda na maneira como trata seus subordinados, os pastores de ovelhas que lidam diretamente com o povo.

#### **1.4 A Reação da Igreja**

O bispo de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira, soube do ocorrido pela imprensa. Ficou irritado. Convocou Padre Cícero para prestar esclarecimentos. E para apurar o fato, nomeou uma Comissão de Inquérito, em 21 de julho de 1891. Tal comissão foi composta pelos padres Clicerio da Costa (presidente) e Francisco Ferreira Antero (secretário).

Segundo o autor Cava (1970), o bispo só soube dos fatos depois de decorridos oito meses, e através de uma carta do pároco do Crato e de um jornal de Recife.

Na conversa com o Padre Cícero, o bispo admirou-se do que ouviu. Mas, com a pressão de segmentos dentro da Igreja que não aceitavam a idéia do milagre, resolveu nomear uma Comissão de Inquérito para apurar o ocorrido.

E ocorreu que, em 28 de setembro de 1891, os padres Clicério da Costa Lobo e Francisco Pereira Antero, de reconhecida competência, já comissionados pelo bispo, viram o sangue aparecer em duas hóstias nas mãos da beata Maria de Araújo. Isto se deu na Casa de Caridade de Crato, onde ela se encontrava recolhida por ordem do bispo. Em 13 de outubro de 1891, a comissão concluiu seus trabalhos, dando um parecer favorável à miraculosidade do fato. A esta conclusão também chegaram os médicos Marcos Rodrigues Madeira e Idelfonso Correia Lima, e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves (MARQUES, 1997).

O autor Della Cava descreve os trabalhos da primeira comissão da seguinte maneira:

A comissão iniciou o inquérito em 9 de setembro de 1891, após três dias de recolhimento e orações. Seus objetivos eram de duas ordens: testemunhar a transformação da hóstia e entrevistar as personagens dominantes da questão. Decorridas duas semanas, em 24 de setembro, saíram de Joazeiro acompanhando Maria de Araújo, que foi transferida para a Casa de Caridade do Crato. Assim fizeram por determinação do bispo para que pudessem conduzir a investigação sem a presença do Padre Cícero. Em resumo, os comissários assistiram, pessoalmente, à transformação da hóstia várias vezes; interrogaram 10 beatas, 8 padres e 5 civis eminentes; registraram, também, os nomes de 22 pessoas que, segundo se apregoava, tinham sido “milagrosamente curadas” pela devoção ao “Precioso Sangue de Joazeiro” (CAVA, 1970).

O padre Clicério levou a conclusão (favorável ao milagre) ao bispo de Fortaleza, entregando-lhe o resultado em 28 de novembro. O prelado mal pôde acreditar no que viu. E chegou à conclusão que em Juazeiro se instalara uma “Igreja dentro da Igreja” (Della Cava, 1970). E passou a agir com energia no sentido de erradicar o “mal” que se instalava no povoado: a crença no “milagre”.

O bispo poderia ter tido mais tranqüilidade na condução do caso. Havia a possibilidade de submeter a questão a Roma. Mas não foi isto que fez. Sua vontade era tentar encerrar a coisa no nascedouro, sem dar oportunidade de alastrar-se. Quem sabe, com a demora de Roma, a coisa tomasse proporções incontroláveis?

Dom Joaquim Vieira, portanto, resolveu nomear uma segunda comissão, desta feita em 04 de abril de 1892. Esta era composta pelos padres Alexandrino de Alencar (como presidente) e Manoel Cândido (secretário). Os trabalhos tiveram início em 20 de abril de 1892 e logo foram concluídos, durando apenas dois dias. A decisão foi taxativa: não houve milagre! Tal resultado agradou o bispo. Este publicou quatro pastorais, onde expressou proibição de culto aos panos ensangüentados e ainda exigiu que Padre Cícero se retratasse publicamente, assim como outros padres que acreditavam no milagre. Dom Joaquim considerou tais fatos como frutos de superstição, e tendo causas naturais (MARQUES, 1997).

Dom Joaquim bem sabia que Padre Cícero não seria capaz de enganar alguém. O bispo de Fortaleza escreveu algumas pastorais onde demonstra certo grau de respeito e admiração pelo Padre Cícero. Abaixo, trechos das pastorais:

O Padre Cícero é incapaz de qualquer embuste (1ª Carta Pastoral); o que se passa em Juazeiro é invencionice, arteirice e impostura (3ª Carta Pastoral, citada por Aldenor Benevides). (BENEVIDES: 1997).

O Padre Cícero sofreu na pele a realidade da Igreja Católica de Roma, que sendo divinamente instituída, é humanamente constituída. E tais homens, que formam a hierarquia da Igreja romana, podem ser vaidosos, vingativos, sensíveis, interesseiros e sistematicamente perseguidores de seus filhos desprotegidos (FEITOSA, 1999).

A perseguição ao Padre Cícero mostrou-se radical e cruel, conforme pode ser observado abaixo, nas proibições, imposições e acusações contra ele:

a. proibido de:

- benzer objetos de piedade;
  - abençoar pessoas;
  - receber romeiros e visitas;
  - falar com pessoas de casa sobre milagres;
  - pregar, confessar e administrar sacramento;
  - dirigir almas;
  - confessar-se;
  - receber presentes;
  - celebrar;
  - construir uma igreja (do Sagrado Coração de Jesus) embora se tratasse do cumprimento de promessa por graça alcançada;
- b. obrigado a:
- desdizer-se de púlpito;
  - denunciar mais de uma vez os fatos extraordinários;
  - combater a “idéia supersticiosa de santidade que lhe atribuíam os romeiros”;
  - pôr fim às romarias ou sair da diocese (portanto do Ceará);
  - declarar para o povo que quem cresse nos fatos condenados ficaria privado dos sacramentos até em artigo de morte;
  - declarar para o povo que não podia e não queria comunicar-se com os romeiros ou visitantes;
  - restituir todo o dinheiro recebido do povo;
  - mandar recolher os livros e opúsculos escritos em defesa dos acontecimentos de Juazeiro.
- c. acusado de:
- fazer revolução armada;
  - colaborar com Antônio Conselheiro, de Canudos;
  - reter armas de revolução;
  - ter batizado, sem poder, um menino de sete anos;
  - abençoar o povo como os bispos, com três cruces;
  - tornar elástico o princípio teológico que diz: “Não há reserva em artigo de morte”;
  - profanar o Santíssimo Sacramento
- (MARQUES, 1995).

Apesar das acusações acima citadas, os resultados não foram favoráveis aos acusadores, cuja intenção era desacreditar o Padre Cícero perante a comunidade. O milagre e o Padre Cícero, verdadeiros ou falsos, tiveram o dom de fazer crescer de maneira acentuada a afluência do povo ao povoado de Juazeiro, e assim o prestígio do padre Cícero, que já era notável, tornou-se ainda maior (OLIVEIRA, 1969).

Os fatos acontecidos, segundo uns, ou as qualidades do Padre Cícero, de acordo com outros, levou aquele lugar à posição de destaque ocupada algumas décadas mais tarde.

O autor Néri Feitosa classifica como erro a atribuição das romarias a Juazeiro aos fatos extraordinários, alegando que em Juazeiro não se fala de Maria de Araújo (a beata que protagonizou o chamado milagre). E prossegue dizendo que a devoção do povo é oriunda do valor pessoal e da virtude pessoal do Padre Cícero (FEITOSA,1986).

A posição do autor citado acima é discutível, uma vez que as romarias são motivadas pelo fenômeno como um todo, considerando não só uma protagonista (a beata Maria de Araújo), mas dois protagonistas (o outro, o principal, é o Padre Cícero, que deu a comunhão à beata). É ao Padre Cícero que se atribui a fama de milagreiro. Seria mais adequado atribuir a Maria de Araújo a posição de coadjuvante, pois ela dependia dele para que a hóstia usada em sua (dela) comunhão se transformasse em sangue. Um pouco de luz sobre o assunto dá-nos o próprio Padre Cícero:

Aqui nunca houve romaria a Maria de Araújo, mas somente ao São. Sacramento (sic) por suas manifestações aqui ocorridas, e a Nossa Senhora das Dores, em cuja capela se tinham dado estes fatos que despertaram a Fé e a Piedade do povo, que vindo aqui como ainda hoje o fazem, não procuravam somente outra coisa senão se reconciliar com Deus, se confessar, benzer objetos de piedade e cuidar da salvação somente. E quanto a Maria de Araújo, desde o processo continuou reclusa por muito tempo por ordem do Senhor Bispo, mesmo na Casa de Caridade do Crato, três léguas de Juazeiro, e tanto lá como aqui, desde a sua volta, sempre procurou evitar visitas (MARQUES, 1995).

Seja qual for o verdadeiro autor do milagre, o fenômeno foi noticiado pela imprensa, começando por Recife, capital do Pernambuco. Para o povo, já estava caracterizado o milagre. Estava ativado o pavio de uma “bomba” que mais cedo ou mais tarde iria “estourar” nas mãos do Padre Cícero. Ele não mais deixaria de ser perseguido pelo bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira. A partir do momento em que este soubesse dos fatos, daria início a uma reação ferrenha contra o padre e o povo. Esse ataque desfechado contra o Padre Cícero e a população de Juazeiro



modificaria toda a história do Cariri e traria profundos desgostos ao sacerdote que dedicou sua vida àquela região de desvalidos.

O próprio Padre Cícero, que era submisso à “Santa Madre Igreja”, chegou a escrever as seguintes palavras: “Do meio da Religião também vem a injustiça!” (SILVA, 1982, apud FEITOSA, 1999).

É escandaloso o fato de que a Igreja que diz ser a única que salva também é capaz de tanta crueldade. Uma Igreja que o bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira, chamava de sábia e até de prudentíssima. E esta foi a fase moderada da Igreja. Bastante mais grave foi o que aconteceu na Idade Medieval, a fase das trevas da Igreja.

Mas nenhuma empresa constituída por homens seria capaz de mudar o destino traçado para Juazeiro do Norte.

Juazeiro repetiu Belém. Não foi destruído após os ferozes ataques da Igreja Católica Apostólica Romana. O bispo de Fortaleza desperdiçou tinta, papel e discurso pelo período de 25 anos, mas no final só se via crescer a fama de Padre Cícero, e o desenvolvimento de Juazeiro era florescente. O poder do bispo não foi suficiente para acabar com o carisma do padre de Juazeiro, já que contra Deus ninguém pode. Assim como Herodes ajudou Jesus a cumprir as escrituras, Dom Joaquim contribuiu com a Providência no sentido de fazer de Juazeiro um santuário nacional de um herói martirizado (FEITOSA, 1986).

As classes inferiores que engrossavam as estatísticas de peregrinos que visitavam Juazeiro não eram atraídas pelo conflito existente entre o clero dividido em debates teológicos; o grande atrativo era a religião popular, cuja manifestação teve início em 1891, com a questão do fenômeno da hóstia dada em comunhão a Maria de Araújo (CAVA, 1970).

## 1.5 O Protesto dos Padres do Cariri

O Padre Cícero protestou, juntamente com outros padres que acreditavam no milagre. Um conjunto de lideranças civis e eclesiais escreveu uma petição, que se tornou histórica. A petição, pela sua importância vai transcrita abaixo:

Exmo. e Revmo. Dom Joaquim José Vieira. Nós abaixo assinados, Sacerdotes e Fiéis da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, ciente da decisão interlocutória contra nós proferida na causa do precioso Sangue que corre no foro eclesial desta Diocese, queremos, com o devido respeito, e por obediência ao preceito legal do Sacrossanto Conselho Tridentino, apelar da dita interlocutória para a Santa Sé, que ela fere de morte a mesma causa, antes que ela fosse preparada, instruída e provada com documentos que interessem profundamente à sua própria essência. Não se pode, Exmo. e Revmo. Sr., juntar nenhum desses documentos, consultas de bispos veneráveis por sua autoridade, sua ciência, sua virtude, respostas de Teólogos distintos e fatos autênticos juridicamente provados e outras peças de suma importância – tudo reclama contra a interlocutória e pede sua inserção no corpo do Processo. Pelo que, venerando Senhor, pedimos filial e humildemente a V. Exa. Revma. Que dentro do prazo legal, em que nos achamos, se digne, pois, tomar nossa apelação e faça seguir os trâmites legais em termos. Pela justiça, Orabimus ad Dominum. Juazeiro, cidade do Crato, 28 de julho de 1891. Pe. Cícero Romão Batista – Mons. Francisco Rodrigues Monteiro – Pe. Joaquim Soter de Alencar – Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira – Vigário Felix Aurélio Arnaud – Pe. Nazário David de Sousa – Pe. Manuel Rodrigues Lima – Vigário Manuel Furtado de Figueiredo – Pe. Manuel Antônio Martins de Jesus – Vigário de Salgueiro – Ten.-Cel. Antonio Esmeraldo da Silva – Benedito da Silva Garrido – Antônio Belarmino Barbosa – Joaquim Fernandes Lopes – Cap. José Pinheiro Bezerra de Menezes – Cap. Leandro Bezerra de Menezes – Cap. Teodorico Teles de Quental – Ten.-Cel. Francisco Gomes de Oliveira – José Joaquim Teles Marrocos – Antônio Pinheiro Bezerra de Menezes - Argeu Araruna – Antônio Ibiapina de Macedo – Joana Tertuliana de Jesus – Argina Leite de Araújo – Maria Leopoldina da Soledade – Joaquim Alves da Rocha (BARBOSA, 1994).

Um tumulto se criou, e foi agravado após o envio do relatório à Santa Sé, em Roma. Esta adotou a mesma posição do bispo Dom Joaquim. Para os padres que defendiam o milagre, uma pena leve: a retratação pública. Para o Padre Cícero, um castigo mais pesado: a suspensão da ordem.

Este castigo marcou o resto de sua vida, pois, mesmo tendo ido a Roma e havendo recuperado o direito de ser padre, isto não adiantou muita coisa, pois o

bispo de Fortaleza, por questão de intransigência, manteve sua posição e não permitiu o retorno do padre às suas funções normais de sacerdote.

Não é necessário que o Padre Cícero tenha executado qualquer milagre para que o seu nome se torne digno de menção como cearense e brasileiro de destaque.

Mesmo suspenso das ordens e sendo aconselhado a sair de Juazeiro, não lhe foi possível seguir tal admoestação. Findou em Juazeiro. Os romeiros não deixam de procurá-lo para conselhos. O pregador, silenciado por Roma, fala ainda mais do que antes (BARRETO, 1998).

Apesar do silêncio imposto por Roma, o Pe. Cícero teve que descarregar suas mágoas. Para isso, uma de suas válvulas de escape foi o envio de cartas a alguns amigos, onde ele narra seus sentimentos e conflitos de consciência. Na carta transcrita abaixo, ele direcionou ao amigo e sacerdote, o Pe. Constantino, as seguintes queixas:

Porém, o Senhor Bispo exigiu de mim mais do que dos outros; que eu perjurasse do testemunho em obediência que me fez dar, me desdizendo e ainda mais que caluniasse a pobre e inocente Maria de Araújo, que tinha me enganado ou outras desordens que eu houvesse feito. Isto era um absurdo que eu nunca, nem sequer pensei que o Sr. Bispo se lembrasse de exigir um tão grande crime a ponto de me mandar um escrito com tais dizeres para eu assinar. Mandei-lhe dizer, respeitosamente, que toda submissão tinha feito e fazia como sacerdote católico e obediente à Igreja, segundo os princípios teológicos e exigidos pelos ensinamentos da Igreja; mas não podia desdizer-me, dando um testemunho falso e calunioso contra pessoa alguma e contra minha consciência, um grande crime... não fiz como ele queria, começou a propagar-me como desobediente... (GUIMARÃES e DUMOULIN, 1983).

O Padre Cícero demonstra, no documento citado, certo sentimento de mágoa e quiçá revolta contra a autoridade episcopal do Ceará. Para encerrar o tema, citaremos um texto de um sacerdote que chegou a conviver com o Padre Cícero:

Padre Cícero continuava, no fim de vinte anos de provação do sacerdócio, acreditando que ali, de parceria com revoltantes profanações do sagrado, tinha efetivamente havido algo de sobrenatural e miraculoso. Se Satanás, invejoso dos privilégios que

Deus ia concedendo àquela terrinha da Virgem das Dores, vestira-se de ermitão e conturbara o plano divino, semeando confusão onde só deveria reinar a verdade e fazer-se um bem incalculável, nesse desvio ele não compactuara. E em vez de perder o gosto de ser bom, em vez de fugir para uma terra estranha onde nunca mais ouvisse recordar tão contundente desfecho, o que fez foi refugiar-se na sua fé e repetir as amarguradas expressões do Divino Salvador, quando da sua agonia no Jardim das Oliveiras: - “Pai, se é possível, afastai de mim este cálice sem que eu o beba; faça-se, entretanto, a vossa vontade e não a minha” (SOBREIRA, 1969).

Fica claro, no texto acima, escrito por um sacerdote que privou da companhia do Padre Cícero, e o conhecia bem, que este passou por sérias dificuldades e conflitos em relação à sua Igreja, abrigando em seu íntimo a convicção de que não podia obedecer-lhe certas determinações e ao mesmo tempo não havia com agir contra os ditames de sua própria consciência.

## **1.6 Os motivos da Peregrinação a Juazeiro do Norte**

Juazeiro se firmou como centro de romaria. Segundo Barreto (1998), não foi, porém por causa do milagre. A razão maior foi a liderança natural do Padre Cícero.

A visão de Barreto, de que as virtudes do Padre Cícero trouxeram mais influência sobre as romarias do que o chamado milagre é corroborada por outro autor, que acrescenta a questão religiosa (milagre da hóstia que se convertia em sangue), como causa estimulante para as referidas peregrinações:

A afluência de romeiros que para aqui se dirigiam atraídos pelas virtudes do Padre Cícero e estimulados pelas notícias já espalhadas em todo Nordeste acerca dos acontecimentos ocorridos na Capela de Nossa Senhora das Dores e que passaram a História como o título “Milagres de Juazeiro” (OLIVEIRA, 1969).

Um terceiro parecer encontra-se na citada obra de Cava (1970):

Quanto às razões pelas quais os romeiros se dirigiam a Joazeiro, entre 1894 e 1934, nada mais simplista do que as procurar exclusivamente na motivação “religiosa”. Muitos dos romeiros chamados pelas elites de “fanáticos” eram analfabetos, pobres e politicamente inertes. Sob a capa de impulso religioso, não ortodoxo

ou heterodoxo, escondia-se, muitas vezes, o desejo infrutífero de controlar o meio adverso e sobrepujar as injustiças sociais que faziam de suas vidas uma desgraça. Tal, pelo menos, é a conclusão que se pode tirar do conteúdo comovente de várias cartas endereçadas ao Padre Cícero, entre os anos de 1910 e 1913. Escritas, quase todas, por semi-analfabetos, essas cartas constituem um raro libelo histórico dos pobres do Brasil sobre as iniquidades sociais que predominavam no sertão nordestino durante a primeira parte do século XX (CAVA, 1970).

Num outro momento, o autor Cava (1970) mostra uma visão mais ampla para a questão da peregrinação maciça dos romeiros:

Nem a vontade de Deus, nem a rebelião passiva dos sertanejos contra a injustiça dão a explicação total para o influxo maciço de peregrinos em Juazeiro e o crescimento econômico que se seguiu. Uma explicação mais ampla do desenvolvimento de Juazeiro a partir de 1894, deve basear-se nas mudanças significativas que ocorreram, simultaneamente, na economia do Nordeste e do país como um todo (CAVA, 1970).

Um outro autor corrobora os motivos religiosos para as romarias:

Desde fins do século XIX, pessoas de todo o Nordeste acorriam à região do Cariri, atraídas pela fama de “milagreiro” do padre Cícero Romão Batista. Ele se instalara em Juazeiro do Norte, um povoado subordinado à prefeitura do Crato, em 1872. Foi conquistando influência na região... (CORRÊA, 2001).

A questão referente aos motivos que levavam e ainda levam os romeiros a procurar Juazeiro do Norte não se fecha com estas opiniões ou pareceres. Os romeiros têm os mais diversos motivos para irem a Juazeiro: os milagres, a oração, o cumprimento de promessas e muitos outros. Para eles, o simples fato de estarem na terra do Padre Cícero é motivo de alegria. Juazeiro é para eles o que Jerusalém é para o mundo cristão, e Meca para os muçulmanos. Aliás, Juazeiro tem a alcunha de “a Meca cearense”, pela capacidade que tem de reunir, durante as grandes festividades (2 de fevereiro – Nossa Senhora das Candeias; 24 de março – aniversário natalício de Padre Cícero; 20 de julho – aniversário de falecimento do Padre Cícero; 15 de setembro – Nossa Senhora das Dores, a Padroeira de Juazeiro do Norte; 01 de novembro – Dia do Romeiro; 02 de novembro – Dia de Finados).

## 1.7 Obras Religiosas do Padre Cícero

Na área religiosa, é claro, o “taumaturgo do Nordeste” não poderia deixar de exercer forte influência, pois era, afinal de contas, um sacerdote católico, e como tal, foi o responsável por grandes feitos, tanto na área oficial (Igreja Romana), como também na religiosidade popular. No setor oficial, foi o fundador do Apostolado da Oração, e também das Conferências Vicentinas (BARRETO, 1998). Outro grande legado nesse campo foi a construção das capelas do Socorro, de São Vicente, de São Miguel e a Igreja de Nossa Senhora das Dores (MARQUES, 1995). Trouxe para Juazeiro a congregação dos Padres Salesianos<sup>7</sup>.

As obras citadas acima foram de grande valor para Juazeiro, uma vez que trouxeram um aumento na capacidade de inserção da população (infantil, jovem, adulta e idosa) nos movimentos religiosos, tão úteis no convívio de um povo que defende a bandeira da paz, característica dos liderados por Cícero Romão.

Outros valores houve-os, descobertos pelo povo no culto ao Padre Cícero. O povo se encontrou nele. Ele é próximo do povo, próximo do chão. Proximidade física e também psicológica. Carrega o carisma da confiança do povo. Está no coração do povo. É invocado em qualquer emergência (BARRETO, 1998).

É algo digno de nota e que chama a atenção a influência do Padre Cícero, um sacerdote suspenso, ameaçado com excomunhão, limitado até na própria cidadania, perseguido. Apesar de tudo isso, o povo nunca se afastou dele. As manobras do poder eclesiástico podem até ter afastado temporariamente o padre do povo, mas não o povo do padre (BARRETO, 1998).

---

<sup>7</sup> Padre Cícero deixou parte de seus bens para os padres salesianos, os quais fundaram um colégio em Juazeiro. Eles se tornaram herdeiros inclusive do Sítio Caldeirão, comunidade religiosa fundada pelo beato José Lourenço, que foi destruída pelas forças policiais do Estado do Ceará. Veja parte do testamento no cap. III.

Já foram elaboradas algumas propostas para interpretar o poder que o padre tinha sobre o povo do Nordeste. Aquela proposta que o enxerga como Padrinho conselheiro, orientador, é a que toma mais densidade ao longo do tempo (BARRETO, 1998).

É crescente o número de romeiros que vêm todos os anos a Juazeiro do Norte, com o fito de visitar a “Mãe das Dores” e o “Padrinho Ciço<sup>8</sup>”. Nenhum padre em todo o Brasil causou e continua causando tanto impacto sobre a população quanto o Padre Cícero. Nenhum sacerdote conseguiu despertar o interesse de grande número de estudiosos no grau com que o padre de Juazeiro o fez (GUIMARÃES e DUMOULIN, 1983).

Ainda há muito que se estudar sobre o trabalho desenvolvido pelo Padre Cícero nas áreas social, política, econômica e espiritual, além de outras. A questão religiosa de Juazeiro do Norte mal começou. Espera-se que, com o passar dos anos, a História resgate a verdadeira origem dos fenômenos ocorridos na terra do Padre Cícero; e que a Igreja, a Santa Madre de todos os católicos, a “infalível”, peça perdão aos romeiros do Nordeste brasileiro, da mesma forma que soube pedir perdão de seus erros em outras ocasiões, como, por exemplo, no caso de Galileu Galilei, que, ao contrário do que a Igreja pregava, negou o geocentrismo, “doutrina” segundo a qual a terra era o centro do universo.

---

<sup>8</sup> Forma carinhosa utilizada pelos romeiros e o povo do Cariri, do Ceará e do Nordeste inteiro para referir-se ao Padre Cícero Romão. A troca de Cícero por Ciço é, talvez, oriunda da dificuldade das pessoas mais simples de pronunciar palavras proparoxítonas.

## CAPÍTULO II

### PADRE CÍCERO E A POLÍTICA

Para entendermos a participação do Padre Cícero nas lutas políticas de Juazeiro, faz-se mister a apresentação de um histórico da formação social do Brasil na primeira república. O autor Carone (1969) narra que:

A nossa formação histórica fez-se de maneira dispersa e desconexa. A falta de centralização resultou em liberdades locais e no fortalecimento de instituições peculiares: o poder torna-se privilégio de uma camada social que possui os bens de produção – a terra – e a liderança política. O fenômeno do coronelismo tem suas leis próprias e funciona na base da coerção da força e da lei oral, bem como de favores e de obrigações. Esta interdependência é fundamental: o coronel é aquele que protege, socorre, homizia<sup>9</sup> e sustenta materialmente os seus agregados; por sua vez, exige deles a vida, a obediência e a fidelidade. É por isto que coronelismo significa força política e força militar (CARONE, 1969).

O fenômeno do coronelismo, segundo Holanda (1999), “é poder ou influência do coronel na vida política e social em certas áreas do Brasil”. Já o termo coronel, segundo a obra citada, significa, entre outras definições, “chefe político, em geral proprietário de terra, do interior do Brasil”. É sob esse conceito que a palavra coronel será utilizada neste trabalho.

O Padre Cícero é chamado por Corrêa (2001) de “coronel de batina”.

Com os “coronéis” o Padre Cícero foi figura importante na história política de Juazeiro, pois, impossibilitado de exercer o sacerdócio católico romano, ele não suportou ficar inativo, sem fazer parte da vida daquele povoado que aprendeu a amar. Restava-lhe uma saída que ele aproveitou bem: entrar na vida política. Como se não bastasse a própria situação favorável a esse empreendimento, foram somados outros fatores, como, por exemplo, a pressão de alguns amigos, para que

---

<sup>9</sup> Homizia – do verbo homiziar, que, segundo Garcia, significa “dar guarida, acoitar, esconder, encobrir”.



ele abraçasse essa nova atividade. Outro motivo explica o desejo de Cícero Romão de ingressar na área política partidária, de acordo com CAVA (1970):

Outro fator importante explica o seu súbito desejo de assumir uma posição política... Dois dias antes, o Patriarca foi informado de que o fazendeiro mais eminente de Joaseiro e filho da terra havia tentado patrocinar a autonomia de Joaseiro, em Fortaleza. O major Joaquim Bezerra, odiado pelo cel. Antônio Luís e pelos adventícios de Joaseiro, procurava flanquear o Patriarca e reavivar sua candidatura de 1907 à prefeitura do futuro município. A notícia da “iniciativa inoportuna” do major Joaquim deixou o Patriarca sem alternativa. Imediatamente, pediu que o governador fizesse, então, justiça a Joaseiro. Quando o oligarca, inventando uma desculpa, respondeu que a falta de acordo quanto aos limites territoriais do novo município obrigara-o a pôr de lado a prometida lei sobre a autonomia, o Padre sancionou o emprego da única arma de seu povoado: daí por diante – telegrafou a Accioly – Joaseiro não mais pagará impostos à Câmara Municipal do Crato; além disso, ou o oligarca ordena, imediatamente o cel. Antônio Luís a retirar de Joaseiro o batalhão de polícia, ou então “assuma inteira responsabilidade das conseqüências funestas do capricho mal-entendido e da desorientação política do sr. Antônio Luís” (CAVA, 1970).

Fica claro, pelo exposto acima, que o Padre Cícero não teve dúvidas de que teria que lutar pelo Juazeiro, e se não podia ser pelo sacerdócio, seria através de sua entrada pela vereda da política.

Aliado a este fato, havia o crescimento de Juazeiro, que, com população cada vez maior, começava a pensar em independência, o que abria espaço para a luta do Padre Cícero como um bom articulador político que era. “Em resumo”, diz Cava (1970), “nos 15 anos que se seguiram a 1894, forjou-se a estrutura econômica de Joaseiro, o que contribuiu para mostrar as bases sobre as quais o povo se lançaria, em torno de 1909 e 1910, na campanha pela autonomia municipal”.

E continua o autor, em outro trecho, a descrição do progresso de Juazeiro:

Ao terminar o primeiro decênio do século XIX, a “Nova Jerusalém” do Patriarca tornara-se suficientemente populosa e forte para poder rivalizar com seus poderosos vizinhos, Crato e Barbalha. Mas nenhuma das condições acima mencionadas seria suficiente para explicar a campanha de Joaseiro em prol da autonomia municipal, o que só foi conseguido em 1911, nem a posterior transformação do Patriarca no coronel mais poderoso da história política do Nordeste brasileiro (CAVA, 1970).

Diante dos dados apresentados, não causa admiração que o crescente povoado resolvesse dar início à luta para desligar-se do vizinho município do Crato, política e administrativamente. E a batalha pela independência teve lugar entre os anos de 1908 e 1910, contando com a participação do Padre Cícero Romão, como será visto no próximo tópico.

## **2.1 Juazeiro Luta pela Independência Política e Administrativa**

Do ano de 1908 ao ano 1910, o povoado de Juazeiro reivindicou sua autonomia em relação ao Crato. Um grande entusiasta nessa empreitada foi o Padre Cícero, que durante dez anos optara por uma atitude neutra nesse campo. Resolveu então ingressar na vida política do futuro município de Juazeiro do Norte (CAVA, 1970).

O interesse de Juazeiro em desvincular-se do Crato e tornar-se município autônomo trouxe à tona certa rivalidade entre os dois povos. A origem da reivindicação, a princípio provinda da questão religiosa, mostrou-se como sendo consequência de fatores de natureza econômica (CAVA, 1970).

É claro que o antigo município do Crato ofereceria resistência à criação da nova cidade de Juazeiro do Norte, uma vez que esta deixaria definitivamente de contribuir com seus impostos, que eram mais rendosos do que aqueles arrecadados no próprio Crato, que perderia, e muito, da sua arrecadação municipal. Juazeiro autônomo significaria o fim da hegemonia do Crato na região do Cariri. Porém, os comerciantes e artesãos de Juazeiro consideravam que seu crescimento econômico fazia jus a um poder político proporcional (CAVA, 1970).

Em 30 de agosto de 1910, dia em que chegaram a Juazeiro as notícias sobre a decisão da Câmara Estadual de não conceder autonomia à vila, 15 mil pessoas reuniram-se naquele lugar, na Praça da Liberdade. Andaram até a Capela de Nossa Senhora das Dores e lá rezaram pela vitória.

O sonho de independência do povo juazeirense estava realizado. O município de Juazeiro foi criado conforme Lei 1028 de 22 de julho de 1911, expedida pela Assembléia Estadual do Ceará, abaixo transcrita:

A assembléia Legislativa do Ceará

Decreta:

Art. 1.º - A povoação de Juazeiro da Comarca do Crato, é elevada a Categoria de Vila e sede do Município com a mesma denominação.

Art. 2.º - Os limites do Município:

*Ao Norte:* o Município de São Pedro (Caririaçu)

*Ao Sul:* Município de Barbalha.

*A Leste:* o Município de Missão Velha.

*A Oeste:* o Município de Crato.

Linhas divisórias:

Com São Pedro, ao Norte, a linha divisória é o Riacho dos Carneiros.

Com Barbalha, ao Sul, a linha divisória é a Lagoa Seca.

Com Missão Velha a Leste, a linha divisória é o Rio Carás, no alto da Jurema.

Com Crato, ao Oeste, a linha divisória é o Riacho São José.

Art. 3.º - Fica criado no mesmo Município o Termo Judiciário, anexo ao Crato.

Art. 4.º - Nestes termos haverá um Tabelião Público, Judicial e de notas, que acumulará as funções de Escrivão.

Art. 5.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Paço da Assembléia Legislativa do Ceará, 22 de julho de 1911

Ass. - Belizário Cícero Alexandrino – Presidente

- Lourenço Alves Feitosa de Castor – 1.º Secretário

- Oscar Feital – 2.º Secretário (CEARÁ, apud OLIVEIRA, 1969).

Estava concretizado o anseio da população de Juazeiro. Era um momento de trégua na rivalidade entre Crato e Juazeiro.

Atendendo a tantos pedidos de seus amigos, incluindo o então presidente do estado (comendador Nogueira Acioli), o sacerdote aceitou o cargo de prefeito (o primeiro do novo município) de Juazeiro do Norte. Agora Cícero Romão tinha um cargo político, através do qual poderia lutar mais ainda pelo Juazeiro.

## 2.2 O Pacto de Juazeiro

Padre Cícero, como prefeito, tencionava, também, manter o equilíbrio e a ordem por ele mantida até então (OLIVEIRA, 1969). E foi como chefe político de Juazeiro que ele reuniu alguns chefes circunvizinhos, e, na qualidade de presidente da reunião, juntamente com os prefeitos de alguns municípios cearenses, assinou o Pacto de Juazeiro, em 4 de outubro de 1911. Abaixo, transcrevemos na íntegra o citado pacto:

Art. 1.º - Nenhum chefe protegerá criminosos do seu município nem dará apoio nem guarida aos dos municípios vizinhos, devendo pelo contrário ajudar a captura destes, de acordo com a moral e o direito.

Art. 2.º - Nenhum chefe procurará depor outro chefe, seja qual for a hipótese.

Art. 3.º - Havendo em qualquer dos municípios reações, ou, mesmo, tentativas contra o chefe oficialmente reconhecido com o fim de depô-lo, ou de desprestigiá-lo, nenhum dos chefes dos outros municípios intervirá nem consentirá que os seus municípios intervenham ajudando direta ou indiretamente os autores da reação.

Art. 4.º - Em casos tais só poderá intervir por ordem do governo para manter o chefe e nunca para depor.

Art. 5.º - Toda e qualquer contrariedade ou desinteligência entre os chefes presentes será resolvida amigavelmente por um acordo de tal ordem, cujo resultado seja a deposição, a perda de autoridade ou de autonomia de um deles.

Art. 6.º - E nessa hipótese, quando não puderem resolver pelo fato de igualdade de votos de duas opiniões, ouvir-se-á o governo, cuja ordem e decisão será respeitada e estritamente obedecida.

Art. 7.º - Cada chefe, a bem da ordem e da moral política, terminará por completo a proteção a cangaceiros, não podendo protegê-los e nem consentir que os seus municípios, seja sob que pretexto for, os protejam dando-lhes guarida e apoio.

Art. 8.º - Manterão todos os chefes aqui presentes inquebrantável solidariedade não só pessoal como política, de modo que haja harmonia de vistas entre todos, sendo em qualquer emergência “um por todos e todos por um”, salvo em caso de desvio da disciplina partidária, quando algum dos chefes entenda de colocar-se contra a opinião e ordem do chefe do partido, o excelentíssimo Doutor Antônio Pinto Nogueira Acioli. Nessa última hipótese cumpre ouvirem e cumprirem as ordens do governo e secundarem-no nos seus esforços para manter intacta a disciplina partidária.

Art. 9.º - Manterão todos os chefes incondicional solidariedade com o excelentíssimo Doutor Antônio Pinto Nogueira Acioli, nosso honrado chefe, e como políticos disciplinados obedecerão incondicionalmente suas ordens e determinações (PINHEIRO, Apud CARONE, 1969).

O pacto acima lembra o corporativismo e a luta a qualquer preço para se manter no poder. E, sob o *slogan* “um por todos e todos por um”, a exemplo da obra “Os Três Mosqueteiros” de Alexandre Dumas, o pacto foi assinado pelos seguintes políticos: Padre Cícero Romão Batista (Chefe de Juazeiro do Norte), Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno (do Crato), Cel. Antônio Joaquim de Santana (Missão Velha), Cel. Pedro Silvino de Alencar (Araripe), Cel. Romão Pereira Figueira Sampaio (Jardim), Roque Pereira de Alencar, Cel. Antônio Mendes Bezerra (Assaré), Cel. Antônio Correia Lima (Várzea Alegre), Cel. Raimundo Bento de Souza Baleco (Campos Sales), Padre Augusto Barbosa de Menezes (São Pedro do Cariri), Cel. Cândido Ribeiro Campos (Aurora), Cel. Manuel Furtado de Figueiredo, Major José Inácio de Souza, João Augusto Lima (representando o Cel. Gustavo Augusto de Lima, chefe do município de Lavras), juiz de direito Dr. Arnulfo Lins e Silva, que com o major José Raimundo de Macedo representou o pai deste último, o Cel. João Raimundo de Macedo, chefe do município de Barbalha (PINHEIRO, apud CARONE, 1969).

Apesar do desempenho do Padre Cícero nas questões políticas, não era essa sua vocação. Ele foi movido a essa nova atividade por apelo de amigos (MARQUES, 1998). O mesmo autor parece indicar que o Padre Cícero ingressou na política por causa da proibição de celebrar, imposta pelo bispo do Ceará (MARQUES, 1998).

Uma causa não exclui a outra. Se por um lado, seus amigos o influenciaram a envolver-se no campo político, por outro lado a “Santa Madre Igreja”, ao rejeitá-lo como sacerdote, lhe obrigou a fazer algum trabalho no campo social; se não podia ser como sacerdote, que era sua íntima vocação, que fosse como político. Ele só não poderia ficar de braços cruzados, assistindo aos fatos, sem deles fazer parte. Se estava de braços atados como padre, estava livre como político.

Sejam quais forem suas razões para ingressar na política, há que se considerar o quanto isto trouxe de benefícios à cidade de Juazeiro do Norte. Para dar maior luz a essa questão, transcrevemos abaixo mais um trecho de Oliveira, em obra já citada:

O Padre Cícero foi o grande batalhador, dando cobertura aos maiores entusiastas que sem o seu beneplácito nada teriam conseguido. Sua posição contra o Crato em favor de Juazeiro era indisfarçável. Um dia, um cratense, lembrando-lhe o fato de ser ele filho do Crato e, portanto, não devia ser contra a sua terra natal, ele respondeu imediatamente: “sou filho de Crato mas o Juazeiro é meu filho.” Para atender pedidos de muitos amigos, inclusive do então Presidente do Estado o comendador Antônio Nogueira Acioli, aceitou o cargo de Prefeito. Justificou sua aquiescência aos pedidos dos amigos, alegando temer que outro cidadão, na direção da política local, não fosse capaz de manter o equilíbrio da ordem até então por ele mantida (OLIVEIRA, 1969).

Com tamanhos fatores agindo nessa direção, não havia como o sacerdote esquivar-se de seguir pelo caminho da política, pois nessa área poderia atuar e atuou sem ser proibido pelo seu superior eclesiástico. No entanto, o Padre Cícero nunca deixou de lado sua identidade como eclesiástico para tornar-se um político profissional. E muito menos da questão do “milagre”. (Lima, in A Figura do Padre Cícero e o Perfil Social do Juazeiro, na Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista).

Em virtude dos milhares de romeiros que convergiam, todos os anos, para Juazeiro, e somando-se a isto o fato de que muitos ficavam morando por lá, a população do lugar mais que duplicou entre 1890 e 1898, atingindo 5 mil habitantes; em 1905, já eram 12 mil; e em 1909, saltou para 15 mil. Essa peregrinação foi o principal fator da rápida expansão demográfica daquela vila (Cava, 1970).

No apêndice sobre o Censo Demográfico de 2000, extraído do site do I.B.G.E., foram coletados os dados atualizados por ocasião do recenseamento feito por esse órgão oficial de pesquisa. São informações sobre os mais variados

aspectos do município de Juazeiro do Norte, nas áreas econômica, social, agropecuária, educacional e outras.

### **2.3 O Ciúme dos Chefes Políticos**

Alguns políticos, inclusive o Padre Peixoto, que tinham lutado ao lado do Padre Cícero pela autonomia de Juazeiro ficaram zangados pelo fato de ele haver sido escolhido para prefeito. Eles almejavam esse cargo. Padre Peixoto ficou inimigo do Dr. Floro Bartolomeu, por causa da confiança que o Padre Cícero depositava neste. Isto não agradava ao padre Peixoto, que se tornou inimigo de Dr. Floro Bartolomeu. Cortou relações também com o Padre Cícero. Para vingar-se, retirou-se de Juazeiro e publicou uma obra intitulada “Juazeiro do Pe. Cícero”. Nessa obra, lê-se calúnia, interpretações malévolas, e coisas tão graves que a leitura de tal obra foi proibida tanto aos menores quanto às pessoas de bem.

Outra obra dá conta de que “Padre Cícero, na verdade, não era político por vocação. Essa atividade lhe foi imposta num momento que se iniciava a luta de Juazeiro pela autonomia” (GUIMARÃES e DUMOULIN, 1983).

Em uma de suas cartas, catalogadas no arquivo dos padres salesianos, encontra-se a que foi escrita em 1926, na qual o Padre Cícero demonstra que não era na política que se realizava:

“... Como deve saber, em face de minha qualidade de sacerdote, em face da afastada vida que levo e em face da minha idade, não me é possível cuidar pessoalmente da administração do município e estar, constantemente com a solução de muitos casos de toda ordem, que impõe uma chefia política. De tudo isso, portanto, era encarregado o Dr. Floro...” (GUIMARÃES e DUMOULIN, 1983).

Padre Cícero venceu uma eleição para o cargo de Deputado Federal, mas nunca assumiu a cadeira. Não queria sair de Juazeiro (CAVA, 1970).

Fica patente, no documento citado, que o Padre Cícero estava inclinado mesmo era para o sacerdócio, e que a política para ele foi um modo de não ficar sem agir na história. Ele estava impedido das ordens. Que mais podia fazer, a não ser criar um canal alternativo por onde fizesse fluírem suas ações para a formação da cidade de Juazeiro?



## CAPÍTULO III

### JUAZEIRO DO NORTE – DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO, CULTURAL, EDUCACIONAL E RELIGIOSO

O município de Juazeiro do Norte, encravado no Vale do Cariri, ao Sul do Ceará, desde a sua origem, na fazenda Tabuleiro Grande, pertencente ao Crato/Ce, tem sofrido significativas transformações no âmbito sócio-econômico, cultural, religioso, demográfico e urbanístico.

Com apenas 219km<sup>2</sup> (duzentos e dezenove quilômetros quadrados)<sup>10</sup>, Juazeiro dista 580km de Fortaleza (capital do Ceará), 399km de Petrolina (Pernambuco), 505km de Campina Grande, na Paraíba (ROSA, 1990).

Pode-se afirmar, portanto, que a cidade de Juazeiro do Norte fica distante de todos os grandes centros urbanos. Não há uma razão plausível para o seu crescimento, se não o trabalho realizado pelo Padre Cícero não apenas nesse município, como em todo o Vale do Cariri.

#### **3.1 A Economia: Mão-de-obra, Oficinas, Agropecuária, Indústria**

Uma forte evidência se impõe, ao pesquisar-se a história de Juazeiro, de que a afluência de romeiros àquele local produziu um rápido impacto na economia. A vila-santuário, enquanto milhares de romeiros iam chegando e fixando moradia, em menos de 20 anos transformou-se de modo notável, num florescente empório

---

<sup>10</sup> A área de Juazeiro do Norte é, atualmente, de 234km<sup>2</sup> (duzentos e trinta e quatro quilômetros quadrados, segundo o que informa o site do I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), referindo-se a dados coletados por ocasião do Censo Demográfico do ano 2000.

agrícola, comercial e artesanal. Isto afetou a região em volta, o Vale do Cariri, que em pouco tempo ganhou o título de “celeiro do Nordeste”. (CAVA, 1970).

É inegável a influência do Padre Cícero sobre o desenvolvimento agro-industrial do Cariri (OLIVEIRA, 1969).

É necessário fazer-se justiça à opinião de vários escritores desapaixonados, quando disseram que o virtuoso padre foi o maior fator de progresso da vida econômica do sul cearense (OLIVEIRA, 1969). Este progresso tinha evidente ligação com as peregrinações em massa dirigidas a Juazeiro.

Os romeiros vinham àquela localidade por causa do Padre Cícero, seja em decorrência dos milagres, seja pela maneira como ele tratava o povo, sempre lhes dando conselhos, curando seus males com remédios à base de plantas e solucionando conflitos entre as pessoas do lugar.

Não haveria tal afluência de peregrinos a Juazeiro, não fosse o Padre Cícero.

O que antes era um centro de “fanatismo” religioso tornou-se, de modo quase imperceptível, importante força econômica e política do Vale do Cariri (CAVA, 1970).

Há sempre a tentação de comparar Juazeiro a Canudos e ao Caldeirão. Porém é necessário compreender a diferença entre o primeiro e os últimos. Enquanto em Canudos e no Caldeirão expressou-se um resposta da religiosidade popular ao esquema do latifúndio, que dominava a região, em Juazeiro do Norte, a liderança do Padre Cícero conduziu sua obra (Juazeiro) pela vereda das cidades sagradas, e foi também fator de progresso para o sertão (LIMA, 1994)

Bem esclarecedora a diferenciação estabelecida acima. O que ocorreu na vila de Juazeiro foi de muito maior relevância, e trouxe conseqüências concretas para o atual município de mesmo nome, o que não ocorreu em Canudos e muito menos no Caldeirão.

### **3.1.1 Mão-de-obra**

A escassez de mão-de-obra, que grassava em outras regiões, não atingiu o Vale do Cariri, que apontou como uma das raras regiões do sertão árido que em vez de perder, adquiriram mão-de-obra (CAVA, 1970).

Os romeiros que acorriam a Juazeiro do Norte constituíram uma fonte de mão-de-obra digna de nota. Os fazendeiros, após verem seus braços migrarem para os seringais da Amazônia, tinham agora a oportunidade de prover suas necessidades por meio desse novo contingente. O Padre Cícero distribuía os fiéis entre os latifúndios locais e também nas fazendas (FARIAS, 1997).

Como os romeiros eram leais ao Padre Cícero, que os atraía a si através da fama de “milagreiro”, ele os convocava ao trabalho como um verdadeiro “czar da mão-de-obra” (CAVA, 1970). Nesse item, os romeiros constituíram ótimo contingente de trabalho, pois “Os fazendeiros, pela falta de braços, resumiam suas plantações; os romeiros precisavam de trabalhar para viver e punham-se em campo. Aumentaram a plantação de cana-de-açúcar e conseqüentemente a instalação de novos engenhos...” (OLIVEIRA, 1969).

Quem mais poderia atrair tantos recursos humanos para aquelas paragens? A resposta é que:

Somente o Pe. Cícero poderia realizar tão grande empreendimento, porque o povo lhe obedecia e confiava nele. Não era em vão esta confiança; muitos daqueles que se dedicaram ao cultivo da mandioca começaram o trabalho em situação precária recebendo dele dinheiro e animais para ajudar nos trabalhos culturais e chegaram a adquirir recursos pecuniários suficientes, tornando-se proprietários abastados (OLIVEIRA, 1969).

É, portanto, a figura fidedigna do Pe. Cícero que centraliza a organização daquele povo para o árduo trabalho de manter a economia em funcionamento.

Em consonância com o citado acima, a autora Marlene Corrêa, em obra já citada, destaca o papel dos romeiros na formação da mão-de-obra no Cariri:

Com tantos romeiros circulando pela região, não faltavam trabalhadores para a lavoura, ao contrário do que ocorria no restante do Nordeste, que estava enfrentando migrações em massa (CORRÊA, 2001).

Há, portanto, consenso entre autores sobre a influência das romarias ao Padre Cícero na economia e, portanto, no desenvolvimento de Juazeiro e do Cariri.

### **3.1.2 Oficinas**

O lema do Padre Cícero era: “Juazeiro, em cada casa uma oficina, em cada oficina um oratório (BARRETO, 2002). Tal *slogan* traz à mente dois conceitos: o do trabalho e o da devoção. Trataremos aqui do primeiro, com base no subtítulo acima.

O Padre Cícero não deixou de lado a questão da ocupação daquela gente do interior do Ceará. Sua influência no campo do artesanato é incontestável (MARQUES, 1997).

Dentre as oficinas praticadas em Juazeiro, sobressaem-se as seguintes:

Artefatos de palha e fibra: chapéus, esteiras etc.

Artefatos de metal: ourivesaria, ferraria, funilaria;

Artefatos de madeira: serraria, malas, cangalhas, gamelas, cochos, gaiolas etc.

Artefatos de couro: sapataria, selaria, arreios, bainhas, chicotes, bolsas, cintos.

Artefatos de barro: cerâmica, olaria, bonecos, brinquedos.

Mistos: armas brancas e de fogo, instrumentos de música, fogos de artifício, fósforos, sabão, cigarros, estofamentos.

Rendas e congêneres: rendas, bordados, bolsas, flores, confecções de roupa.

Fiação e tecelagem: redes, varandas, colchões, coxins etc.

Alimentos: doces, pães, pastéis, bebidas, sorvetes etc.

Diversos: relógios, sinos, papel e papelão, santos em gesso, rádios, marmorito etc (RABELO, apud OLIVEIRA, 1969).

Além de Oliveira (1969), a autora Corrêa ventila a questão da produção do artesanato em Juazeiro:

Também os comerciantes e artesãos progrediram graças a uma vasta produção de pequenos objetos, como painéis, sapatos, objetos de couro, ferramentas e muitos artigos religiosos, além de uma crescente indústria de foguetes (CORRÊA, 2001).

Pela diversidade dos produtos citados acima, deduz-se facilmente que a cidade de Juazeiro do Norte exibe um desenvolvimento pouco visto em outras plagas.

### **3.1.3 Agropecuária**

A vila de Juazeiro possuía em suas imediações terrenos adequados para o plantio de milho, feijão, arroz, algodão, cana e outros hortifrutigranjeiros. Os fazendeiros, porém, se limitavam a plantar apenas o suficiente para o sustento da família (OLIVEIRA, 1969).

Era terreno fértil para o sacerdote, que não se limitou a “semear” o evangelho para aquele povo, mas atuou também na consecução de meios de sobrevivência. Se não se vive somente de pão, não se sobrevive somente com a palavra de Deus. Os seres humanos precisam das duas coisas. O Padre Cícero foi habilidoso em providenciar o alimento tanto do corpo como do espírito para aquelas massas

ignaras. Quanto à influência dele sobre o setor agropecuário, pode-se ter uma idéia de sua intensidade pela citação abaixo:

Ninguém pode contestar a influência que teve o Pe. Cícero no desenvolvimento da Agricultura e da Indústria não somente em Juazeiro, mas em todo o Cariri. Homem inteligente, compreendeu que precisava ocupar aqueles que o procuravam vindo de suas terras, muitas vezes distantes, pôs em prática... medidas efficientíssimas ao desenvolvimento do trabalho agrícola da região, medidas altamente patrióticas, e que surtiram tão benéficos efeitos (OLIVEIRA, 1969).

A professora Corrêa (2001), licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (Uberaba, MG), contribui para reforçar a idéia da influência de Cícero Romão no progresso de Juazeiro:

Produzindo cana, arroz, feijão, milho e mandioca, o Cariri tornou-se o “celeiro do Ceará”. Destacava-se também na produção de algodão e borracha. A seringueira foi introduzida no Cariri pelo próprio padre Cícero, ao longo da primeira década do século (CORRÊA, 2001).

Neste setor, necessário se torna que se faça justiça ao Padre Cícero, confirmando o que autores desapaixonados já afirmaram: Padre Cícero foi o maior fator de progresso da vida econômica do sul do Ceará. É inegável a influência do Padre Cícero no desenvolvimento agroindustrial da região do Cariri (OLIVEIRA, 1969).

Como se vê, o Patriarca de Juazeiro, como passaria a ser chamado o padre Cícero, fez trabalho de destaque na agricultura e na pecuária do vale do Cariri.

### **3.1.4 Indústria**

Antes de tornar-se um centro industrial moderno, Juazeiro teve uma indústria humilde, manufaturada. Mais uma vez acode a autora Oliveira (1969):

Atualmente temos em nossa cidade pintoras exímias, moças dedicadas aos trabalhos de bordado à mão, que bem se poderia dizer, pela perfeição com que são executados, que são feitos por

“mãos de fadas”. Costura, bordado a máquina, malharia, executados aqui, rivalizam com aqueles que vêm dos grandes centros sulinos. *Sapatarias* – Os sapatos feitos em Juazeiro abastecem o comércio local e ainda o dos estados e cidades vizinhas. *Produtos farmacêuticos* – O farmacêutico prático José Geraldo da Cruz tem registrado na Saúde Pública vários produtos farmacêuticos vendidos no comércio local com grande aceitação também em outras cidades e quase todos os estados brasileiros: Bálamo da Vida – Elixir Salsa, Caroba e Cabacinho – Vermicida Tiro-certo – Pílulas contra asma – Elixir de Carnaúba (composto) – Seiva de Jatobá, Agrião e xaropes. *Ourivesarias* – Nas duas primeiras décadas deste século, havia bons ourives em Juazeiro, capazes de confeccionar belas jóias: trancelins, cruces, terços, pulseiras, etc. A evolução do tempo levou o comércio a apresentar jóias de grande valor artístico. O que era feito aqui, foi perdendo aceitação e para não haver grandes prejuízos por parte dos ourives, começaram a misturar o ouro chegando a ponto de se desvalorizar quase totalmente. *Movelarias* – Aqui são executados móveis que rivalizam com os que são confeccionados nos grandes centros. Fabricam-se ainda em Juazeiro: Doces, bebidas, fósforos, estátuas de gesso e de madeira, facas, punhais, espingardas, tesouras, alicates, objetos de folhas de flandres, brinquedos (OLIVEIRA, 1969).

A variedade de obras citadas acima é mais um resultado do esforço do Padre Cícero em tornar Juazeiro do Norte uma cidade progressista em diversos aspectos.

### 3.2 Educação e Cultura

O Padre Cícero fundou muitas escolas em Juazeiro. Fez o que foi possível na área educacional, inclusive chegou a pagar do próprio bolso os salários de alguns professores quando as mensalidades recebidas não eram suficientes para cobrir as despesas de manutenção das escolas. O texto abaixo dá uma amostra do que ele fez pela educação do povo de Juazeiro:

... quero citar aqui duas entidades de Assistência Social, existentes graças aos esforços daquele sacerdote que fez do pequeno povoado nascido na fazenda “Tabuleiro Grande”, a monumental cidade que é hoje Juazeiro do Norte, desfrutando lugar de destaque entre as cidades que constituem partes do imensurável todo que é a grande Nação Brasileira. Refiro-me ao “Orfanato Jesus Maria e José” (OLIVEIRA, 1969).

### 3.3 Religião

Nesse campo o destaque do Padre Cícero é bastante notório. Não é muito difícil constatar que o Patriarca do Nordeste foi o principal ator na história religiosa de Juazeiro do Norte. O ocorrido durante a comunhão da beata Maria de Araújo foi o principal fator de avanço da religiosidade popular, na criação e solução dos conflitos sociais, e na história de Juazeiro e do Ceará. Essa história está registrada em centenas de livros sobre o Padre Cícero, sobre a beata Maria de Araújo e também sobre Juazeiro do Norte. Com muita convicção escreveu determinado autor:

Pode-se dizer com absoluta segurança: foi o Padre Cícero quem colocou Juazeiro no mapa do Brasil. Em muitas localidades do Brasil, quando as pessoas querem se referir a esta cidade costumam dizer: Juazeiro do Padre Cícero (MARQUES, 1997).

O uso do rosário de Nossa Senhora das Dores, pelos juazeirenses, foi costume criado pelo Padre Cícero (MARQUES, 1997.). Um legado de grande destaque, deixado pelo Padre Cícero, foi o que ele transmitiu por herança aos padres salesianos, com algumas condições, conforme trecho do testamento, abaixo:

**1934, 27 de julho-** Processo de Execução do TESTAMENTO CERRADO, do Rev. Padre Cícero Romão Baptista. "TERMO DE ABERTURA DO TESTAMENTO CERRADO com que faleceu nesta cidade o Padre Cícero Romão Baptista. – Aos vinte e sete dias do mês de julho de mil novecentos e trinta e quatro, às dez horas, nesta cidade do Joazeiro, em casa de residência do falecido Testador, .....

PRIMEIRA- Deixo para Ordem dos Padres Salesianos todas terras que possuo nos Sítios Logradouro, Salgadinho, Mochila, Carás, Pau-Seco, .....

Suplico aos mesmos Padres Salesianos que terminem a construção da Capela do Horto.....

E como essa obra não pude terminar, muito a contra gosto, é verdade, tão somente para não desobedecer as ordens proibitórias do meu Diocesano, o então Bispo do Ceará, Dão Joaquim José Vieira, peço aos Beneméritos Salesianos que concluem esse templo de acordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em folha de flandre que deixo depositada em lugar seguro. Deixo aos Padres Salesianos a Imagem em vulto do Senhor Morto que veio de Lisboa (MACHADO, 1994).



Mais uma vez a “Santa Madre Igreja” mostrou sua cara, interferindo na vida de Cícero Romão, na arquitetura de Juazeiro, na evolução religiosa do Cariri, enfim, na História do Ceará e do Brasil. O pedido feito aos salesianos, para concluírem as obras iniciadas por ele é uma demonstração de que a proibição se direcionava a ele, Cícero, e não aos seus sucessores ou herdeiros. Tratava-se de algo pessoal contra o carisma, a liderança e outras qualidades positivas que o bispo da diocese tentavam inibir através de ordens proibitivas absurdas e abusivas, na tentativa de evitar que Cícero pudesse vir a parecer maior do que os representantes da Igreja Particular do Ceará.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho foram discutidos os aspectos sócio-religioso e cultural, econômico e educacional, entre outros, da História de Juazeiro do Norte, desde seus primórdios como a antiga fazenda Tabuleiro Grande, até os dias atuais, como a “Meca Cearense”, a cidade que mais cresce no Ceará, o maior centro de peregrinação e maior reduto político do Nordeste brasileiro.

A construção da Capelinha de Nossa Senhora das Dores foi um grande, e quiçá o maior fator que contribuiu para o desenvolvimento do povoado que, com o nome de Fazenda Tabuleiro Grande, transformou-se no município de Juazeiro do Norte. Essa capela se constituiu no embrião da atual Matriz de Nossa Senhora das Dores, hoje um dos maiores centros de peregrinação do Nordeste brasileiro, recebendo, anualmente, uma multidão de romeiros de todo o Brasil. Na verdade, a capela que virou matriz já goza hoje do *status* de Santuário de Nossa Senhora das Dores.

Analisamos a importância de padre Cícero na formação do campo religioso local, assim como sua influência no campo político. A relação de Padre Cícero com a formação e transformação de Juazeiro de uma simples vila em uma das cidades mais importantes do estado do Ceará também foi destacada nesta pesquisa.

Após todas as obras citadas e parafraçadas, é difícil não associar Juazeiro ao Padre Cícero. Em todo o Brasil, não se fala em Juazeiro do Norte, sem alguém se lembrar do “meu Padim Ciço”.<sup>11</sup> Não resta dúvida de que o destino de Juazeiro está atrelado ao nome do seu fundador, e à obra que ele legou ao povo, não

---

<sup>11</sup> “meu Padim Ciço”: Forma como os romeiros costumam referir-se ao Padre Cícero Romão.

necessariamente um legado material, mas principalmente a as suas atitudes, sua simplicidade, seu bom exemplo, sua conduta.

Em recente campanha para a escolha do Cearense do Século, o Padre Cícero disputou com personagens famosos do estado. Poder-se-ia imaginar que o senhor Edson Queiroz, de saudosa memória, fundador do grupo Edson Queiroz, através do poderio econômico, seria eleito. Bastava que, na UNIFOR (Universidade de Fortaleza, pertencente ao grupo), fosse adotado um trabalho através do voto maciço via Internet, que teria elegido o fundador do grupo. Mas nessa questão, Padre Cícero saiu vencedor. Mesmo sendo um dos mais pobres dos candidatos, foi o mais votado. Isto demonstra o carinho e admiração do povo cearense pelo Patriarca do Nordeste.

Ainda não chegou o tão esperado dia da reconciliação entre a Igreja formal e o Padre Cícero. Mas enquanto Roma não pronuncia com relação aos fatos de Juazeiro, cresce cada vez mais a cidade por ele fundada no início do XX. Se a voz do povo é a voz de Deus, o humilde sacerdote do Cariri cearense já está reabilitado, beatificado e canonizado. No que depender da “Santa Madre Igreja”, ainda há muito o que esperar-se, pois esta foi e está sendo para o reverendo nordestino mais madrasta do que mãe. Quem sabe se ele fosse europeu, já estivesse elevado aos altares? Sim, porque um determinado padre lazarista veio da França ao nordeste brasileiro e em terra tupiniquim teve a audácia de dizer que Jesus Cristo não deixaria de fazer milagres na França para realizá-los em nossa pobre e seca região. Alguma dúvida de que a Igreja prefere a rica Europa?

É de esperar-se que a Igreja, como sempre tem acontecido, reconheça seu erro, trazendo à tona a verdade sobre os fatos religiosos de Juazeiro do Norte, no século XIX. Não se pode prever quando isto acontecerá, mas nunca será tarde. As

coisas de Deus têm seu tempo certo. Temos de ver que a Igreja, apesar de divinamente instituída, é humanamente constituída, e, portanto, cheia de falhas, as mais grosseiras possíveis. Quem tiver dúvida, leia a história de Galileu Galilei, e muitas outras da Idade Medieval. A título de informação ao leitor que desconhece esta página negra da História da Igreja: Galileu teve a ousadia de afirmar que a terra não era o centro do universo, que era redonda, e que girava em torno do sol. Todas as afirmativas eram baseadas na ciência. Mas em sua arrogância, a Igreja ordenou a Galileu que se retratasse publicamente dessas afirmações, sob pena de ser morto pela mesma igreja que ensinou o “não matarás”. Ele preferiu ficar vivo. No caso do Padre Cícero, não houve ameaça de morte, mas para ele, perder os direitos de sacerdote foi um tormento tão grande, que era preferível a morte. E ele morreu sem os poderes de sacerdote. E quanto mais a Igreja fez contra ele, contra sua vida, mais Juazeiro cresceu em vigor, em força política e religiosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Corrigida, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **Cartas e Textos Importantes da Questão Religiosa de Juazeiro**, in *Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista* (vários autores), Juazeiro do Norte: Gráfica do Banco do Nordeste do Brasil S/A, 1994.

BARBOSA, Walter Menezes. *Cartas e Textos Importantes da Questão Religiosa de Juazeiro*, in *Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista*.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá, **Testemunho, Serviço e Fidelidade**. Juazeiro do Norte: Paróquia de Nossa Senhora das Dores, 1998

\_\_\_\_\_. **Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 2002.

BENEVIDES, Aldenor Jayme de Alencar. **Subsídios sobre Padre Cícero e o Cangaço**. Juazeiro do Norte: HB Editora e Gráfica, 1997.

CARONE, Edgard. **A Primeira República**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969

CAVA, Ralph della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 2ª edição.

CEARÁ, Assembléia Estadual do, **Lei 1028**, de 1911.

CLARET, Martin. *O Pensamento Vivo de Padre Cícero*. São Paulo, Martin Claret Editores, 1988.

CORRÊA, Marlene. **Ceará História para a Construção da Cidadania**. São Paulo: FTD, 2001.

COSTA, Altino, MARMO, Arnaldo de Araújo & GARCIA, Hamílcar de. **Novíssimo Dicionário Fundamental da Língua Portuguesa**. São Paulo: Rideel, 1972.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará: República**. Fortaleza: Tropical, 1997.

FEITOSA, Néri. **Padre Cícero Vítima do Autoritarismo**. Aparecida-SP: Ed. Santuário, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Padre Cícero, Profeta do Nordeste**. Juazeiro do Norte: CEDIC, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Padre Cícero e o Milagre**. Juazeiro do Norte: 1999.

GARCIA, Hamílcar de. **Atual Dicionário Brasileiro Rideel**. São Paulo: Rideel Ltda., 1989.

GUIMARÃES, Therezinha Stella; Dumoulin, Anne. **O Padre Cícero por Ele Mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Versão 3.0, MGB Informática, Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999)

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados sobre o município de Juazeiro do Norte**. Disponível no site <http://www.ibge.gov.br/cidades>.

LIMA, Marcelo Ayres Camurça. **A Figura do Padre Cícero e o Perfil Social de Juazeiro**, in Revista Documentária Comemorativa dos 150 Anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista (vários autores), Juazeiro do Norte: Gráfica do Banco do Nordeste do Brasil S/A, 1994.

MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. **Cartório como Fonte de Pesquisa – Certidão Histórica da Comarca de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: Royal Ltda., 1994.

MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes**. 2ª edição – Petrópolis/RJ, Vozes, 1983.

MARCONDE, M. A. **Técnicas de Pesquisa** 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 1999

MARQUES, Daniel Walker Almeida. **Biografia Resumida de Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Curiosidades Sobre o Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: CEDIC, 1995.

\_\_\_\_\_. **História do Padre Cícero em Resumo – Dados, fatos e fotos**. Juazeiro do Norte: Mascote, 1994.

\_\_\_\_\_. **Juazeiro do Norte, a Terra do Padre Cícero**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1998.

\_\_\_\_\_. **Maria de Araújo – A Beata do Milagre de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: IPESC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Padre Cícero na Berlinda**. Juazeiro do Norte: IPESC, 1995

\_\_\_\_\_. **Pequena Biografia de Padre Cícero**. Natal: Distribuidora São Geraldo Ltda., 1998

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **Dados que marcam a vida do Padre Cícero Romão Batista**. Juazeiro do Norte: Mascote, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Padre Cícero Que Eu Conheci**. Rio de Janeiro: Olímpica Editora Ltda., 1969.

ROSA, Ubiratan. **Enciclopédia Didática de Informação e Pesquisa Educacional**. São Paulo: Livraria Iracema Ltda., 1990.

SANTOS, Antônio R. **Metodologia Científica a Construção do Conhecimento**, 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

SOBREIRA, Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1969

TILUCA, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo/RS: 7ª. Ed., 2002.

WIEBE, Donald. **Religião e Verdade. Rumo a um Paradigma Alternativo para o Estudo da Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

## **APÊNDICE I**

### **DADOS DO CENSO 2000 DO IBGE**

Após a descrição de como e quanto o Padre Cícero Romão Batista contribuiu para o desenvolvimento de Juazeiro do Norte, torna-se necessário traçar-se um perfil de Juazeiro do Norte como está nos dias atuais.

Para tal empreendimento será utilizada a principal fonte de informações a respeito do Brasil, de suas regiões, seus estados e municípios, o I.B.G.E (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

As informações aqui apresentadas foram coletadas do *site* do I.B.G.E., abrigado na Rede Mundial de Computadores, a Internet.

Tomando-se por base o recenseamento do ano 2000, registram-se os seguintes dados:

#### **DEMOGRAFIA:**

População Total: 212.133 habitantes

Homens: 100.140

Mulheres: 111.993

População Urbana: 202.227

População Rural: 9.906



**EDUCAÇÃO:**

Matrículas Ensino Fundamental: 49.444

Matrículas Ensino Fundamental Escola Pública Estadual: 13.481

Matrículas Ensino Fundamental Escola Pública Municipal: 29.839

Matrículas Ensino Fundamental Escola Particular: 6.124

**Matrículas Ensino Médio: 7.287**

Matrículas – ensino médio – escola pública federal: 368

Matrículas – ensino médio – escola pública estadual: 5.697

**Matrículas – ensino pré-escolar: 6.758**

Matrículas – ensino pré-escolar – escola pública estadual: 113

Matrículas – ensino pré-escolar – escola pública municipal: 3.623

Matrículas – ensino pré-escolar – escola particular: 3.022

**Docentes – ensino fundamental: 1.916**

Docentes – ensino fundamental – escola pública estadual: 418

Docentes – ensino fundamental – escola pública municipal: 1.070

Docentes – ensino fundamental – escola particular: 428

**Docentes – ensino médio: 393**

Docentes – ensino médio – escola pública federal: 35

Docentes – ensino médio – escola pública estadual: 246

Docentes – escola particular - 112

**Docentes – ensino pré-escolar: 365**

Docentes – ensino pré-escolar – escola pública estadual: 4

Docentes – ensino pré-escolar – escola pública municipal: 171

Docentes – ensino pré-escolar – escola particular: 190

([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)).

## APÊNDICE II

### DADOS BIOGRÁFICOS DO PADRE CÍCERO EM ORDEM CRONOLÓGICA:

1844 – Nasce, na cidade do Crato, no dia 24 de março.

1860 – Matricula-se no Colégio Padre Inácio de Sousa Rolim, em Cajazeiras, na Paraíba, a 1º de março.

1862 – Perde seu pai, a 28 de junho.

1865 – Ingressa no Seminário da Prainha, em Fortaleza, no dia 7 de março.

1870 – Ordena-se padre, no Seminário da Prainha, em 30 de novembro.

1871 – Celebra missa pela primeira vez em Juazeiro, no dia 24 de dezembro.

1872 – Passou a residir em Juazeiro, aos 11 de abril.

1872 – Foi nomeado capelão de Juazeiro, em 26 de setembro.

1875 – Iniciou a construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em 15 de setembro.

1877 – Passou a exercer também as funções de vigário de São Pedro (hoje Caririaçu, próximo a Juazeiro).

1889 – Acontece, pela primeira vez, o fenômeno da transformação de hóstia em sangue, durante a comunhão dada por ele à Beata Maria de Araújo, em 1º de março.

1891 – O Bispo Dom Joaquim Vieira, de Fortaleza, nomeia a primeira Comissão de Inquérito para averiguar os fatos de Juazeiro, em 21 de julho.

1891 – Os Padres Clicério e Antero, em 28 de setembro, no pleno exercício das funções que lhes foram atribuídas pelo Bispo, testemunharam maravilhados o aparecimento de sangue em duas hóstias nas mãos da beata Maria de Araújo, fato

que ocorreu na Casa de Caridade de Crato, onde a beata se encontrava recolhida, por ordem do bispo.

1891 – A Comissão concluiu seus trabalhos, no dia 13 de outubro, com parecer favorável à miraculosidade dos fatos, conclusão a que chegaram também dois médicos (Marcos Rodrigues Madeira e Ildefonso Correia Lima) e um farmacêutico (Joaquim Secundo Chaves) que presenciaram os fatos e examinaram a beata, a pedido de Padre Cícero.

1892 – Insatisfeito com os resultados, D. Joaquim resolveu nomear outra Comissão, em 4 de abril, composta pelos Padres Alexandrino de Alencar (Presidente) e Manoel Cândido (Secretário), cujos trabalhos foram iniciados em 20 de abril do mesmo ano, e concluídos rapidamente dois dias depois. Conclusão: não houve milagre.

1892 – Padre Cícero foi suspenso da ordem, em 5 de agosto.

1896 – A Congregação do Santo Ofício, em 14 de abril, após julgamento da farta documentação recebida do bispado de Fortaleza, resolveu reprovar e condenar os chamados *milagres de Juazeiro*.

1898 – Padre Cícero parte para Roma, em 11 de fevereiro.

1898 – Padre Cícero chega a Roma, em 25 de fevereiro.

1911 – Juazeiro é elevado à categoria de Vila, em 22 de julho.

1911 – Padre Cícero é empossado como primeiro prefeito de Juazeiro, em 4 de outubro.

1912 – Cícero é eleito 3º vice-presidente do Ceará, em 20 de janeiro.

1913 – Foi deposto do cargo de prefeito, em 11 de fevereiro.

1913 – Foi reconhecido como 1º vice-presidente do Ceará.

1916 – Eleito Deputado Federal, em 16 de abril.

1926 – O tão explorado encontro do Padre Cícero com Lampião, em Juazeiro, aconteceu no dia 6 de março.

1934 – Segundo atestado de óbito assinado por Dr. Mozart Cardoso de Alencar, registrado no Cartório sob nº 2088, Padre Cícero faleceu às 4 horas do dia 20 de julho.